

A ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI, MIGRAÇÕES E ACOLHIDA*

THE ENCYCLICAL FRATELLI TUTTI, MIGRATION AND WELCOME

Dr. Wellington da Silva de Barros*

Resumo

Este artigo objetiva relacionar alguns aspectos da encíclica *Fratelli Tutti*¹ do Papa Francisco com os desafios da acolhida dos migrantes² em nosso país. Nosso objetivo não é fazer uma leitura quase que exegética, ou seja, focar nos trechos da encíclica que trata especificamente das migrações, mas destacar elementos que sobressaem numa leitura crítica mais ampla ou global. Neste sentido, a encíclica vai nos trazer elementos fundamentais para pensarmos novas dinâmicas para as migrações e um mundo cada vez mais fechado e cada vez mais propenso a ver nos migrantes a causa de muitos problemas sociais, políticos e econômicos. A partir da encíclica, queremos propor perspectivas capazes de desencadear ações formativas que objetivem educar para a acolhida.

Palavras-Chaves: migrantes, diálogo, amizade, acolhida, formação.

Abstract

This article aims to relate some aspects of Pope Francis encyclical *Fratelli Tutti* with the challenges of welcoming migrants in our country. Our objective is not to make an almost exegetical reading, that is, to focus on the passages of the encyclical that specifically deal with migrations, but to highlight elements that stand out in a broader or global critical reading. In this sense, the encyclical will bring us fundamental elements to think about new dynamics for migration and a world that is increasingly closed and more and more inclined to see migrants as the cause of many social, political and economic problems. From the encyclical, we want to propose perspectives capable of triggering formative actions that aim to educate for acceptance.

Keywords: migrants, dialogue, friendship, reception, formation.

Introdução

O tema da migração está presente no pontificado de Francisco desde os primeiros dias do seu ministério. Ao lado da ansiada reforma curial, a migração se

* Este artigo é uma versão ampliada daquela publicada na Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura (<https://ciberteologia.com.br/editorial/a-fraternidade-universal-e-o-irmao-estranho-/790>).

* Leigo, Doutor em Ciência da Religião e em Teologia Pastoral da Mobilidade Humana. Professor do ITESP e colaborador das Irmãs Scalabrinianas.

¹ Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do santo padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. As referências a encíclica no texto serão na forma abreviada FT seguida do respectivo número.

² Usamos neste artigo o conceito migrante de forma genérica, abrangendo os seguintes movimentos humanos: imigração e refúgio.

tornou um dos focos deste pontificado. Francisco mostrou ser um dos grandes defensores de posturas cristãs e humanitárias em relação também aos migrantes. Como uma voz que ecoa no deserto, o papa é um dos poucos líderes mundiais que combate o fechamento das fronteiras e o fortalecimento dos muros que tentam impedir a entrada de migrantes em vários países do mundo.

Francisco interpela a comunidade internacional e os cristãos à acolhida dos migrantes. Para os cristãos, ele evidencia que rejeitar os migrantes é falsificar a fé. A acolhida aos migrantes pode acontecer de diversas maneiras, porém, na sociedade atual a tendência é de que esta seja pautada pela lógica econômica e consumista, levando os países a acolherem apenas aquelas pessoas vistas como promissoras para seu crescimento econômico, gerando a classificação e seleção na acolhida de migrantes como os que são “desejáveis”, ou seja, passíveis de acolhida e favorecimentos legais e políticos, e os “indesejáveis” passíveis de rejeição e exclusão. Essa cruel classificação é revelada na prática cotidiana, mas também em políticas migratórias e resulta de qualquer olhar sincero à nossa realidade pautada pelo Direito Humano inerente a todas as pessoas de migrar. A acolhida aos migrantes é uma característica fundamental dos seguidores de Jesus e deve ocupar um lugar central na Igreja, sobretudo, nas dinâmicas pastorais, pois acolher o migrante é acolher o próprio Jesus (Mt 25,35).

No Brasil, a presença de migrantes, apesar do recente crescimento, é pequena em relação a outros países do mundo:

Importante destacar que o Brasil ainda não recebe uma quantidade tão expressiva de estrangeiros, como países da Europa e Estados Unidos. Foi, porém, crescente o contingente de imigrantes e refugiados que afluiu ao país nos últimos anos, requerendo uma maior atenção tanto das autoridades como de toda a sociedade brasileira (BÓGUS e FABIANO, 2015, p. 130).

Ainda no contexto brasileiro, mesmo sabendo que os migrantes não são vítimas, não podemos negar que geralmente essas pessoas sofrem muitas dificuldades para viver aqui, sobretudo, aqueles vistos como “indesejados”:

Existe no Brasil uma proliferação de manifestações ofensivas, racistas e xenófobas dirigidas aos imigrantes e refugiados, seja com ataques à sua integridade física ou por mensagens pelas redes sociais, principalmente destinadas aos negros, africanos e sul americanos. Infelizmente, os imigrantes que sofrem discriminação e preconceito vivem em situação de alta vulnerabilidade e, em muitos casos, sofrem

violações de direitos. Devido sua condição irregular no país, muitos evitam procurar a Polícia, o Ministério Público ou os Consulados por temerem sofrer represálias ainda mais graves. (BÓGUS e FABIANO, 2015, p. 133)

A discriminação e a xenofobia estão entre os maiores desafios. Muitos brasileiros acolhem e aceitam os migrantes e reforçam aquela imagem de que o país é acolhedor, porém

apesar do Brasil ser internacionalmente reconhecido como um país acolhedor, por sua capacidade de abrigar diferentes culturas, os refugiados encontram muitas dificuldades para se integrar à sociedade brasileira. Geralmente, os obstáculos iniciais estão relacionados ao idioma português e às questões culturais, além dos problemas comuns aos brasileiros que também são enfrentados pelos refugiados, como dificuldades no mercado de trabalho, ao acesso à educação superior e aos serviços públicos de saúde e moradia. Além disso, o preconceito existente, antes disfarçado, deixou de ser tímido e passou a se manifestar de forma aberta e hostil. (BÓGUS e FABIANO, 2015, p. 135)

A migração é uma realidade cada vez mais presente e diversificada na sociedade, também na brasileira. Há constantes mudanças nos rostos das pessoas que se deslocam por diversos motivos, o que torna este fenômeno cada vez mais complexo. A realidade social da migração no Brasil tem mudado rapidamente, também em nosso país a migração se apresenta como uma dinâmica caracterizada muito mais pela permanência ou residência das pessoas do que pela temporalidade ou sazonalidade. As pessoas procuraram se estabelecer cada vez mais nos lugares de destino, formando famílias e redes de relações sociais e reivindicando cidadania. Aos poucos, se intensificou a percepção de que as pessoas em mobilidade não são apenas força de trabalho, mas sujeitos de direitos e deveres. Essa presença intensificada e permanente leva indiretamente a outra concepção de cidadania e dignidade por parte das pessoas que deixam seus países, como também dos residentes nos países de destino ou acolhida.

Na sociedade globalizada existem muitos discursos e posturas em favor do diálogo, mas há também grande aversão à alteridade: o “outro” desperta temores e fobias. A vida ao lado do diferente assume traços de incerteza e insegurança. Aumenta a saudade do tempo em que as sociedades eram menos complexas, menos pluralistas, ou

seja, mais “seguras”. A globalização favorece os contatos, mas não promove a lógica das relações e interações, e tampouco, garante o respeito integral, igualdade e reciprocidades entre as partes. O encontro entre os migrantes e a sociedade de acolhida não se dá necessariamente de forma dialógica e igualitária. Ao contrário, sendo o atual modelo de globalização impulsionado pelo capitalismo neoliberal, o diálogo entre as alteridades segue frequentemente a lógica da competição, concorrência e até mesmo exclusão. Assim, a chegada do “outro” é muitas vezes interpretada como uma ameaça à própria identidade, despertando medos e preconceitos.

A busca pela segurança não é uma característica da sociedade atual. O que se destaca hoje é a situação de medo generalizada ampliada pela pandemia. O medo é o grande motivador do crescimento de posturas em nações e pessoas de fechamento, isso fica evidente com os nacionalismos, supremacismos, racismos, fundamentalismos, etc. Não são poucos os “ismos” que revelam o fechamento em guetos em diferentes níveis. O desejo cada vez mais crescente e solidificado por segurança leva ao surgimento ou enrijecimento das “bolhas” de nacionalismos identitários exacerbados. As políticas da inimizade de Mbembe prevalecem, também nas democracias onde sempre existiu grupos de pessoas consideradas como estrangeiras, indesejáveis e sem direitos:

(...) a época privilegia a separação, os movimentos de ódio, de hostilidade e, sobretudo, a luta contra o inimigo e tudo isto é consequência daquilo a que, num vasto processo de inversão, as democracias liberais já amplamente branqueadas pelas forças do capital, da tecnologia e do militarismo, aspiraram (MBEMBE, 2017, p.72)

Para concretizar as políticas de inimizade muitos países buscam implementar políticas de segurança nacional e seletividade, em que as pessoas em mobilidade transnacional estão em permanente suspeita. Isso independentemente da situação econômica dos países de destino.

1. Fraternidade e amizade social em um mundo fechado

Não são poucas as fronteiras ou muros que os migrantes conhecem no mundo atual. Há os muros físicos e também os invisíveis. Se as fronteiras entre Estados buscam selecionar e regular, e sobretudo, permitir que os “desejáveis” tenham a entrada

permitida, os muros buscam impedir totalmente os fluxos migratórios. A migração, para muitos Estados motivados por discursos nacionalistas de seus respectivos governos e cidadãos, se tornou o lugar de exercer a soberania por excelência. Na sociedade dita globalizada, a proliferação de muros que impedem a circulação das pessoas aumenta; livre circulação é um privilégio do dinheiro gerido pela “mão invisível” da sociedade capitalista em sua versão neoliberal. Marshall (2018, p.6) destaca que em muitos lugares vemos paredes em construção ao longo das fronteiras. Para ele, apesar da globalização e dos avanços tecnológicos, nos sentimos mais divididos do que nunca. Nos últimos vinte anos, muros e cercas foram erguidos em todo o mundo por milhares de quilômetros. Pelo menos sessenta e cinco países, mais de um terço de Estados-nação do mundo construíram barreiras ao longo de suas fronteiras; metade dos muros erigidos desde a Segunda Guerra Mundial foram criados no início deste milênio. Em poucos anos, os países europeus podiam contar mais quilômetros de muros, cercas e barreiras do que aqueles que existiam na fase mais crítica da Guerra Fria.

Francisco ressalta os dramas e sombras causadas por um mundo fechado. Para ele, a sociedade globalizada nos torna vizinhos, mas não nos faz irmãos e irmãs, e, então, lança um apelo para uma abertura que não ignore as identidades locais, e também apela a um projeto comum que supere as dinâmicas que coloca todos contra todos. É necessário que sejamos pertencentes de um “nós” que habita a casa comum (FT, n.9-17).

Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que “a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parece aumentar: até fazer pensar que entre o indivíduo e a comunidade humana já esteja em curso um cisma. (...) Porque uma coisa é sentir-se obrigado a viver juntos, outra é apreciar a riqueza e a beleza das sementes de vida em comum que devem ser procuradas e cultivadas em conjunto” (FT, n.31).

2. O amor como fundamento do encontro com o desconhecido

As relações humanas comportam riscos, o ser humano portador de liberdade pode sempre surpreender de maneira negativa ou positiva. O ser humano carrega seus enigmas, a transparência total é algo inalcançável nas relações humanas. Esta parte de enigma ou mistério amedronta, pois, nunca se sabe o que o nosso interlocutor é capaz de

fazer. Por isso, para que as relações humanas possam se desenvolver num nível satisfatório, é necessário também de uma boa fé antropológica, ou seja, a confiança livre no enigma alheio (o contrário também). Diante das experiências negativas, muitos optam pela falsa segurança do fechamento à amizade e a não aceitação do outro como ele é.

Não são poucos os testemunhos dramáticos, também contra migrantes, dessa não aceitação e inimizade. O que preocupa é que a não aceitação não se dirige na maioria das vezes ao surpreendentemente humano ou mesmo enigmático, mas à mais óbvia evidência, ou a sua parte de transparência. É, então, negado às pessoas, e também aos migrantes, serem aceitos em suas características mais visíveis e transparentes, como: identidade cultural, opção sexual, cor da pele, pertença religiosa, etc. Em outras palavras, não é só o enigma característico humano que assusta, é o visível, o transparente.

Diante disso, Francisco nos convida a revisitar a conhecida parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) e também outros aspectos da rica tradição judaico-cristã. É urgente abrir-se ao próximo sem fronteiras no amor, na confiança e na gratuidade. O papa constata que entre os cristãos não são poucos que “parecem sentir-se encorajados ou pelo menos autorizados pela sua fé a defender várias formas de nacionalismo fechado e violento, atitudes xenófobas, desprezo e até maus-tratos àqueles que são diferentes

Às vezes deixa-me triste o fato de, apesar de estar dotada de tais motivações, a Igreja ter demorado tanto tempo a condenar energicamente a escravatura e várias formas de violência. Hoje, com o desenvolvimento da espiritualidade e da teologia, não temos desculpas. Todavia, ainda há aqueles que parecem sentir-se encorajados ou pelo menos autorizados pela sua fé a defender várias formas de nacionalismo fechado e violento, atitudes xenófobas, desprezo e até maus-tratos àqueles que são diferentes. A fé, com o humanismo que inspira, deve manter vivo um sentido crítico perante estas tendências e ajudar a reagir rapidamente quando começam a insinuar-se. Para isso, é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos (FT, n.86).

3. Sociedades abertas em busca de outras relações internacionais

As políticas migratórias nacionais são muitas vezes motivadas por um ideal de Estado que vê nas mesmas políticas uma oportunidade, as vezes a única, de revelar sua soberania. Os movimentos nacionalistas promovem com essa instrumentalização das políticas seu fechamento aos apelos internacionais, pois, são contra um globalismo imaginário e se fecham para mostrar a força de seu nacionalismo ansiado por muitos de seus habitantes.

Essa prática política revela também o seu fracasso, pois, mesmo que tente restringir a entrada de migrantes nas fronteiras ou levante muros, o fechamento total aos migrantes “indesejáveis” é improvável, para não dizer impossível. As fronteiras são porosas e os muros permeáveis! Neste sentido, a geração de sociedades abertas para Francisco é uma tentativa realista e que busca a integração, e pode ser para as dinâmicas e políticas migratórias uma necessária e urgente resposta diante da falência humanitária das políticas de cunho nacionalistas.

Para Francisco, as sociedades abertas não são homogêneas, mas valorizam as identidades (o sabor local), promovem as dinâmicas de encontro e comunicação entre os participantes pautadas pelo respeito às diferenças e a construção da comunhão (não da uniformização) na lógica do amor:

Esta necessidade de ir além dos próprios limites vale também para as diferentes regiões e países. De facto, “o número sempre crescente de ligações e comunicações que envolvem o nosso planeta torna mais palpável a consciência da unidade e partilha dum destino comum entre as nações da terra. Assim, nos dinamismos da história – independentemente da diversidade das etnias, das sociedades e das culturas –, vemos semeada a vocação a formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros” (FT, n. 96).

Cada pessoa carrega consigo algo de “intransponível”, mas há a possibilidade de dialogar com outras visões de mundo sem comprometer as identidades. Uma sociedade dominada pelo medo, inquietações, fundamentalismos e perigos, dificilmente fará com que os migrantes se sintam dignificados com suas diferenças, mas sim, ameaçados. A abertura não dissolve as identidades nacionais e individuais, pelo contrário, com

Francisco percebemos que é o início de um novo caminho que relaciona o local e o universal e que não impede de agir em comum para a busca de pactos globais para tentar resolver problemas que nos interpelam.

4. Política e a amizade social

Francisco destaca que a amizade social, ou seja, o reconhecimento que todo ser humano é irmão ou irmã não é uma mera utopia e depende também de posturas políticas imbuídas de alto nível de caridade. Então, para que este nível de relação seja realizado, é necessária caridade política que preferencia os últimos da sociedade: “Trata-se de avançar para uma ordem social e política, cuja alma seja a caridade social. Convido uma vez mais a revalorizar a política, que ‘é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum’” (FT, n. 180).

O papa também demonstra sua preocupação e a urgência de ações políticas que busquem solucionar situações onde os Direitos Humanos são ignorados: exclusão social e econômica, tráfico de seres humanos, tráfico de órgãos e tecidos humanos, exploração sexual, trabalho escravo, incluindo a prostituição, tráfico de drogas e de armas, terrorismo e criminalidade internacional (FT, n. 188). Em muitas destas situações estão envolvidas pessoas em mobilidade, que se tornam presas fáceis, sobretudo, por carências de políticas migratórias em sintonia com os Direitos Humanos.

Há alguns anos no Brasil vemos a tentativa de construir Leis que favoreçam políticas migratórias em sintonia com os Direitos Humanos. Essa tentativa teve protagonismo de muitos atores da sociedade civil, que pressionaram para que o país superasse a anacronia da lei vigente desde a década de 1980, por uma nova Lei migratória que reconhecesse a dignidade da pessoa humana, o direito à liberdade de locomoção, de residência em outros países, sobretudo os perseguidos, e de possuir uma nacionalidade. A vulnerabilidade dos migrantes reclama políticas migratórias que os proteja, integre e apoie. Com muitos avanços e retrocessos, nosso país conseguiu aprovar uma nova Lei de Migração em 2017, que tentou promover uma visão dos migrantes ausente na Lei anterior, ou seja, uma concepção pautada pelos Direitos Humanos. Mesmo com a aprovação de uma nova Lei, a luta pela implementação da mesma sem retrocessos não terminou.

Neste sentido, Francisco destaca que a política como um todo não deve visar somente grandes resultados, mas ajudar as pessoas a viverem melhor como justificação do dom da própria vida. Para ele, a política é mais nobre que a aparência, o marketing, as diferentes formas de maquiagem midiática (*FT*, n. 195-197). A divisão ou a visão binária política e ideológica, diante dos problemas que requerem políticas condizentes com a situação, alimenta apenas a divisão entre as pessoas. No Brasil, assistimos recentemente que ao mantra que, recitado por alguns, imbuídos de interesses escusos contra a corrupção, não foi capaz de promover novas dinâmicas políticas. O show midiático gerou divisão e descrença, e colocou o país numa ciranda de violência, ódio e maldades que parece não ter fim.

5. Diálogo, promoção da vida e da dignidade dos migrantes

A promoção da vida e da dignidade dos migrantes leva à necessidade de refletir de forma mais aprofundada o diálogo, tendo em vista a amizade social que promove convivência mais pacífica, justa e respeitosa. O diálogo tem várias formas e contextos; seu bom desenvolvimento certamente depende da visão que os envolvidos nesta dinâmica possuem do interlocutor. Dito com outras palavras, o diálogo depende da concepção prévia que se tem do “outro”. Paraphraseando um provérbio conhecido: diga-me qual a tua visão do outro, que te direi como irás se relacionar (dialogar) com ele. Não é uma lei ou regra universal, mas apenas uma experiência nascida na prática pessoal e social.

O agir humano é epistemológico, então, na vivência cotidiana da vida, grande parte das nossas ações são feitas sem terem uma teorização específica no momento em que acontecem, por exemplo, posso ser um pai e buscar educar meus filhos de determinada forma que esteja mais ou menos de acordo com a pedagogia de um certo educador ou filósofo. Ainda que a ação tenha primazia nestes casos, todas as ações revelam formas de pensar, ou seja, conceitos e concepções! Ou, se eu me relaciono com as mulheres, me refiro a relações genéricas, de uma forma assimétrica, se sou um militante a favor de que o homem e a mulher mesmo ocupando cargos iguais não devem receber o mesmo salário, por trás desta ação ou mesmo militância, há uma visão de quem sou eu e quem é ela (no caso, a mulher ou as mulheres). Todas as nossas formas

de agir e nos comunicar estão revestidas por ideias ou concepções. Quem eu sou e como devo agir em geral estão intimamente relacionados com nossas vidas. A resposta à primeira pergunta (quem sou eu?), inserida muito mais no nível do sentido, influencia a segunda (como devo agir?). Neste sentido, Francisco trata também da legitimidade presente no diálogo do “outro” ser quem ele e de ser aceito sem privações:

O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. Sem dúvida, quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento, isto irá de uma maneira ou outra beneficiar a sociedade; mas só se verifica realmente na medida em que o referido desenvolvimento se realizar em diálogo e na abertura aos outros (*FT*, n. 203).

O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o “outro” tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo.

6. Memória e as migrações

Os fluxos recentes de migrações causam muitas inquietações na população brasileira. Muitos brasileiros acham que suas oportunidades de crescimento econômico e profissional serão ameaçadas com a presença (ou chegada) de migrantes. Muitas vezes os migrantes são acusados de trazerem doenças, drogas e violência além de favorecerem a depreciação dos serviços públicos (já precários). Diante da guerra ao terror, que tem como símbolo maior o dia 11 de setembro de 2001, se espalhou pelo mundo a visão de que migrantes vindos de alguns países são terroristas. No Brasil, muitas pessoas e grupos reproduzem essa ou outras visões extremamente preconceituosas, sobretudo, pela internet. Outros grupos no âmbito da política e com representações na Câmara dos Deputados ou mesmo no Senado Federal, militam a favor de uma suposta segurança nacional no Brasil que barre a entrada de migrantes. Muitas pessoas e grupos que

promovem o preconceito e xenofobia, esquece de suas raízes migratórias pessoais e também da presença dos migrantes na construção, desenvolvimento e manutenção do Brasil.

No Brasil temos assistido, lido e ouvido muitas opiniões e reportagens a respeito das migrações de estrangeiros para o país. Apesar do movimento migratório para o Brasil ser novamente significativo há pelo menos três décadas, o tema agora chegou a quase todas as rodas de conversa e, especialmente, às redes sociais. De início, o fato que mais chama a atenção no discurso da população em geral é a desconexão entre as migrações do passado (de portugueses, alemães, italianos, japoneses, libaneses, entre outros), intensas no fim do século XIX e início do século XX, e as migrações de sul-americanos, haitianos e africanos que tem ocorrido ao longo dos últimos 30 anos para o Brasil- (BÓGUS e FABIANO, 2015, 132-133).

Francisco destaca a importância da memória, não ignora os dramas do passado e nem propõe uma catarse coletiva que apague o passado, mas a memória ativa que busca não cometer no presente os erros do passado e que seja geradora de processos de cura para novos e diferentes encontros:

Hoje é fácil cair na tentação de voltar página, dizendo que já passou muito tempo e é preciso olhar para diante. Isso não, por amor de Deus! Sem memória, nunca se avança; não se evolui sem uma memória íntegra e luminosa. Precisamos de manter «viva a chama da consciência coletiva, testemunhando às sucessivas gerações o horror daquilo que aconteceu», que assim «aviva e preserva a memória das vítimas, para que a consciência humana se torne cada vez mais forte contra toda a vontade de domínio e destruição». Precisam disso as próprias vítimas – indivíduos, grupos sociais ou nações – para não cederem à lógica que leva a justificar a represália e qualquer violência em nome do mal imenso que sofreram. Por isso, não me refiro só à memória dos horrores, mas também à recordação daqueles que, no meio dum contexto envenenado e corrupto, foram capazes de recuperar a dignidade e, com pequenos ou grandes gestos, optaram pela solidariedade, o perdão, a fraternidade. É muito salutar fazer memória do bem (FT, n.249).

7. Paz entre as religiões

Um breve e genérico olhar nos leva a perceber com certa facilidade que alguns líderes das tradições religiosas mais presentes entre os migrantes que chegam atualmente no Brasil, viveram ou foram interpretados também em situação de deslocamentos: Abraão, Moisés, Jesus de Nazaré, Maomé, etc. Estas religiões estiveram associadas a deslocamentos, êxodos, movimentos missionários, peregrinações, e,

infelizmente, não foram raros também os momentos em suas histórias de protagonismos de violência, guerras, divisões e escravidão, motivando a expulsão, tráfico, deslocamentos de pessoas, etc.

Ainda que não haja no Brasil dados estatísticos sobre as religiões dos migrantes, sabemos que há uma importante presença, sobretudo, muçulmana. Num país majoritariamente cristão, chama a atenção essa incipiente presença religiosa distinta da grande maioria da população nacional, pois, há alguns lugares ou instituições que trabalham na acolhida destas pessoas em que esta pluralidade é mais visível e intensa. Sem dúvidas, no Brasil, a possibilidade dos migrantes que professam outras religiões que não as cristãs (especialmente católica e evangélica) serem rechaçados ou marginalizados é grande. Nestes casos, as religiões se tornam barreiras difíceis de transpor nas dinâmicas da acolhida dos migrantes.

Para Küng, não haverá paz no mundo, sem paz entre as religiões. E sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre as religiões (KÜNG, 1993, p. 7). As religiões, apesar de suas ambiguidades, possuem um poder humanizador, que só poderá ser concretizado a partir de um diálogo inter-religioso que respeite as identidades religiosas e promova enriquecimento mútuo. O diálogo inter-religioso deve desafiar a todas as religiões e motivá-las a construção da paz. Nenhuma religião deve abster-se do diálogo inter-religioso em vista da sobrevivência humana e das tão urgentes novas formas de relação e convivialidade. Francisco nos recorda que novas formas de relação de convívio dificilmente serão concretizadas sem respeito à diversidade religiosa e ao diálogo:

As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como ensinaram os bispos da Índia, «o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor (FT, n.271).

8. Por uma formação pastoral capaz de educar para a acolhida

Nossa convicção, nascida na simples e limitada experiência pastoral, é de que nossos processos formativos em geral estão desfocados, ou seja, não atingem o mínimo resultado que deveriam atingir, a saber: tornar as pessoas testemunhas mais genuínas da verdade do Evangelho testemunhada por Jesus e revelada pela Trindade!

O desabrochar da vida humana está relacionado com o aprendizado. Neste sentido, no âmbito também da pastoral se carece de um projeto formativo que considere a liberdade humana, pois a educação só é verdadeira se for livre, deixando ao formando a tarefa de aderir ou não aos valores transmitidos. De fato, não faltam orientações sobre a acolhida de migrantes, mas as mesmas devem vir acompanhadas de vivências afetivas. Podemos nos questionar se tal processo formativo, ou mesmo pedagógico, seria papel a ser desenvolvido pela Igreja na pastoral, por isso, usamos o conceito educação em seu sentido mais básico, que é aquele que faz referência ao processo humano de ensinar e aprender, não a processos institucionais, escolares, universitários, etc. Se a fé cristã católica e sua reflexão teológica não forem capazes de refletir sobre tudo o que é divino e humano, fundamentado na lógica da encarnação de Deus na humanidade, certamente correrá o risco da mediocridade e da irrelevância.

Damásio destaca que sem educação os seres humanos vão matar-se uns aos outros, ou seja, prevalecerão os instintos de sobrevivência. Se trouxermos para o contexto da acolhida de migrantes, quando pessoas e instituições, sobretudo as de governança pública, pensam primeiramente na sobrevivência de si e de sua nação e se fecham à acolhida, isso revela, nas palavras de Damásio, uma carência educativa. A educação seria uma ferramenta para contrariar os instintos mais básicos do ser humano, como a busca pela sobrevivência desenfreada que leva a não aceitação dos outros. Isso parece bastante óbvio para muitos, mas não é em nossa opinião:

A única solução razoável para o problema consiste em grandes esforços civilizatórios para que, por meio da educação, as sociedades consigam cooperar em direção aos requisitos fundamentais da governança, apesar das diferenças grandes e pequenas. Nada que esteja aquém de uma intensa e esclarecida negociação entre afeto e razão poderá ter êxito ((DAMASIO, 2018, p. 253).

Para atingir essa dimensão afetiva, deve prevalecer na pastoral a troca de experiências de narrativas entre os migrantes e as pessoas, pastoral ou comunidade do país de acolhida. Uma coisa é uma pessoa falar sobre a migração e a necessária

acolhida, outra coisa é um migrante narrando sua história e revelando suas esperanças no país de acolhida, ou seja, o migrante dizendo por ele mesmo e se revelando quem ele é sem pedir permissão. Isso não significa dar voz aos migrantes, ele já possui sua voz autônoma, mas abrir os ouvidos, braços e corações! Essa troca de experiência nos espaços pastorais é para nós um dos fundamentos para um processo formativo que inicie pelos afetos e desencadeie processos teóricos, metodológicos, sistemáticos, doutrinários, etc.

Para que essa troca de experiência, como a gênese do processo educativo ou formativo, se faça presente com maior evidência na pastoral da mobilidade humana, a mesma pastoral deverá ser a pastoral com e do migrante e não para o migrante. Nenhuma novidade nisso, porém, projetos pastorais, filantrópicos e sociais fomentados por diversos atores na Igreja, geralmente usam o migrante para obter as frágeis motivações, sobretudo, para projetos a serem financiados, mas não contam em geral com a presença e protagonismo do migrante, sentindo-o no interior da pastoral como parceiro e amigo de caminhada, revelando uma relação com os migrantes interesseira, esquizofrênica e anticristã. Na nossa opinião, qualquer outra forma de contar com os migrantes como partícipes das pastorais que são deles (que ironia, eles devem apenas ocupar espaços que já pertencem a eles, ou não?!), que não seja na dinâmica da parceria gratuita se revelará, como forma de domínio, instrumentalização dos próprios migrantes, e servirá para nos ajudar a manter a aparência de estarmos em consonância com o Reino de Jesus sem estar praticando os seus valores. A desejada troca de experiências, deve ocorrer sem instrumentalização dos migrantes, mas apenas favorecer que eles ocupem os espaços na pastoral que já são deles. Caso contrário, a tentativa de educar e formar as pessoas na pastoral a partir de experiências concretas e afetivas será desastrosa, e poderá torná-la uma espécie de zoológico humano.

Conclusão

Vimos neste artigo algumas das enormes riquezas trazidas pela encíclica *Fratelli Tutti* para a acolhida de migrantes em nosso país. A encíclica traz aspectos fundamentais para tentarmos amenizar muitos dramas pelos quais passam os migrantes.

Os questionamentos à comunidade internacional e aos cristãos feitos por Francisco são cada vez mais importantes. O drama, porém, está também em perceber que talvez Francisco seja uma das únicas lideranças mundiais com discursos e práticas em prol da acolhida digna aos migrantes.

Referências Bibliográficas

BÓGUS, Lucia Maria M; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. *Ponto e Vírgula*, São Paulo, n.18, p.126-145, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/29806>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

FRANCISCO, Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html> Acesso: 10 jan. 2021.

DAMÁSIO, António. *A estranha ordem das coisas: As origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial*. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1993.

MARSHALL, Tim. *I muri che dividono il mondo*. Milano: Garzanti, 2018.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.